

## SIMPÓSIO TEMÁTICO 26:

Contribuições da semântica e pragmática formais para a descrição e a análise do português brasileiro e de outras línguas naturais sub-representadas

**Coordenadores:** Ana Paula Quadros Gomes (UFRJ) e Luisandro Mendes de Souza (UFRGS)

### A modificação adverbial na projeção estendida do adjetivo

Autores: Maria José Foltran <sup>1</sup>

Instituição: <sup>1</sup> UFPR - Universidade Federal Do Paraná

**Resumo:** Não há nenhuma novidade em dizer que advérbios modificam adjetivos. No entanto, a modificação adverbial dentro do sintagma nominal é um assunto muito pouco explorado. O objetivo deste trabalho é explicitar a interpretação de advérbios terminados em *-mente* em configuração restrita, i.e., quando se encontram na projeção estendida de um sintagma adjetival. Em outras palavras, vamos refletir sobre a interpretação de advérbios em posição ad-adjetival e ver em que medida esses usos refletem a classificação dos advérbios no domínio sentencial. Partindo da classificação de Costa (2008) que prevê a existência, na sentença, de advérbios orientados para o falante, para o ouvinte, para o sujeito, para o domínio e para o valor de verdade, investigamos a procedência dessa classificação dentro do sintagma nominal. Identificamos usos que veiculam claramente a visão do falante (terrivelmente cruel, incrivelmente inadequado), usos que circunscrevem um domínio (politicamente correto, psicologicamente afetado), além dos usos que intensificam a propriedade expressa pelos adjetivos (extremamente calmo). Alguns testes mostram que os intensificadores têm restrições maiores – parecem ser moldados para ocorrer especificamente em posição ad-adjetival (\*Extremamente, o João é alto), enquanto os demais ficam livres para atuar tanto no domínio nominal quanto no domínio sentencial [a) O João é surpreendentemente alto; b) Surpreendentemente, o João é alto]. Nesse último caso, há uma diferença de sentido que advém da diferença de escopo. Seguindo Morzycki (2007), vamos argumentar que a interpretação dos advérbios em posição ad-adjetival é diferente daquela que eles recebem em outras posições. Seguindo Foltran e Nóbrega (2016), mostramos que a classe dos intensificadores pode adquirir contornos de avaliação. COSTA (2008). Adverbs and the syntax-semantics interplay. Estudos Linguísticos. FOLTRAN & NÓBREGA (2016). Entre nomes, adjetivos e advérbios: a natureza da modificação. MORZYCKI (2007). Adverbial Modification of Adjectives: Evaluatives and a Little Beyond.

**Palavras-chave:** modificação, advérbio, interface sintaxe-semântica

### Desfragmentando a semântica do prefixo des-

Autores: Emanuel Souza de Quadros <sup>1</sup>

Instituição: <sup>1</sup> Yale - Yale University

**Resumo:** O prefixo *des-* pode ser adicionado a verbos, adjetivos e, menos produtivamente, a substantivos, com resultados semânticos diversos, como privação, reversão e negação (e.g. *descolar*, *desagradável*, *desânimo*). Este trabalho propõe uma análise unificada da contribuição semântica deste afixo, derivando sua compatibilidade com diferentes categorias morfossintáticas, e os diferentes significados a ele associados, de uma mesma operação semântica. Especificamente, propomos que este prefixo opera sobre predicados escalares, invertendo a polaridade da função de medição associada a eles. Nosso tratamento envolve uma adaptação do tratamento de medidas de mudança de Kennedy & Levin (2008), a fim de definir uma denotação capaz de operar de forma uniforme sobre diferentes categorias morfossintáticas. Nossa proposta difere de abordagens anteriores que assumem mais de uma entrada lexical para *des-*, como Silva & Miotto (2009), das que propõem que a contribuição deste afixo é a negação de um estado, como Medeiros (2010), e das que dependem demasiadamente da estrutura de evento da base, como Ribeiro (2014). Em vez disso, exploramos a flexibilidade da semântica escalar das bases a que *des-* se prefixa para derivar os diferentes significados dessa construção morfológica, combinando uniformidade de tratamento com cobertura empírica. A análise proposta por este trabalho também nos leva à explicação de algumas lacunas morfológicas, como *\*desmóvel*, e de diferenças entre pares de adjetivos como *desaconselhável* e *inaconselhável*, com base na disponibilidade e nas características da estrutura escalar da base.

**Palavras-chave:** estrutura escalar, morfologia, português, semântica

## Deslocamento de tópico não-contrastivo no português brasileiro: juízo categórico e aboutness

Autores: Fernanda Silva <sup>1</sup>

Instituição: <sup>1</sup> USP - Universidade de São Paulo

**Resumo:** Este trabalho investiga as restrições semânticas e pragmáticas em sentenças com deslocamento, cujo elemento deslocado tenha a função de tópico e não apresente necessariamente a noção de contraste. Mais precisamente, responderemos às seguintes perguntas: a posição do elemento deslocado influencia na interpretação da sentença?; definitude é obrigatória em contextos de tópicos não contrastivos deslocados?; sintagmas com função de tópico não contrastivo precisam ser mencionados previamente? Nesta pesquisa, consideramos deslocamento como um fenômeno sintático em que um sintagma é deslocado para a posição inicial da sentença. Pode apresentar: uma lacuna no seu local de origem ou um pronome. Sobre o conceito de tópico não contrastivo, defendemos que apresenta a noção de aboutness (Reinhart, 1981). Desta maneira, esse indica o elemento sobre o que se fala. Ainda, estabelece uma relação entre um argumento e uma propriedade relativa ao contexto. (1) A: E o João? Como ele está? B: O João<sup>1</sup>, ele<sup>1</sup> tá namorando a Maria. Nesse diálogo não há contraste. O falante B, ao deslocar o sintagma “O João”, indica o elemento sobre o qual a sentença traz informações e atribui ao João a propriedade “x está namorando a Maria”. Ainda, defendemos que a sentença acima representa juízo categórico (Ladusaw, 1994; Kuroda, 2003) em PB, já que (1)B apresentam dois atos separados, em que a mente do ouvinte é direcionada primeiramente ao indivíduo para que depois seja atribuída uma propriedade a esse. A discussão de deslocamento de tópico não contrastivo se faz necessária, visto que o fenômeno do deslocamento investigado em diversas línguas está sempre vinculado à contrastividade (Ward & Prince (1991), Prince (1998)). O que pretendemos mostrar é que em PB podem ocorrer sentenças com deslocamento sem que estas apresentem contrastividade. Nossa pesquisa está fundamentada em teorias formalistas de semântica e pragmática como Reinhart (1981), Büring (1999, 2003), Roberts (1996, 2010), entre outros.

**Palavras-chave:** deslocamento, contraste, menção prévia, juízo categórico, aboutness

## Karitiana. Uma língua com dupla marcação de modo

Autores: Luiz Fernando Ferreira<sup>1</sup>

Instituição: <sup>1</sup> USP - Universidade de São Paulo

**Resumo:** Marcas morfológicas referidas como *modo* são tratados a partir de dois paradigmas. O primeiro paradigma considera modo como um morfema que expressa modalidade (Bybee, 1985; Palmer, 1986; Portner, 2011). Nesse paradigma esses morfemas podem ser especificamente chamados de *modo verbal*. Modalidade é entendida neste trabalho como quantificação sob mundos possíveis (Kratzer, 1981; von Stechow, 2006; Hacquard, 2011). O segundo paradigma considera modo como um morfema que está relacionado ao tipo de sentença. Nesse paradigma esses morfemas podem ser especificamente chamados de *modo sentencial*. O tipo de sentença por sua vez está relacionado à força ilocucionária da sentença e o morfema contribuiria para indicar essa força ilocucionária (Sadock & Zwicky, 1985; Portner, 2004; Saeed, 2009). A língua Karitiana possui seis morfemas classificados como modo (Storto, 1999; Storto, 2002), a saber: *na(ka)-ta(ka)-* (declarativo), *pyt-* (assertivo), *-a/-y* (imperativo), *pyn-* (deontico), *iy-* (condicional) e *iri-* (citativo). A classificação desses morfemas como modo não é embasada dentro de nenhum paradigma. O objetivo deste trabalho foi verificar se esses morfemas funcionam como modo verbal ou modo sentencial em Karitiana. O método utilizado foi a elicitação contextualizada verificando se esses morfemas são utilizados na língua para expressar modalidade ou se são utilizados para expressar a força ilocucionária de uma sentença. O estudo concluiu que: (i) os morfemas *na(ka)-ta(ka)-* e *pyt-* (declarativo e assertivo) marcam a força ilocucionária sendo modos sentenciais; (ii) os morfemas *pyn-* e *iy-* (deontico e condicional) expressam modalidade e são modos verbais; (iii) os morfemas *-a/-y* (imperativo) são vogais epentéticas e não apresentam uma contribuição semântica; (iv) em Karitiana, modos verbais podem cocorrer com modos sentenciais; (v) há dois espaços na estrutura morfológica do verbo para esses dois tipos de modo. A elicitação do morfema *iri-* não forneceu dados conclusivos e mais testes são necessários para se definir a contribuição desse morfema.

**Palavras-chave:** línguas indígenas, modo, karitiana, semântica formal, tipo sentencial

## Modais em Ye'kwana (Karib)

Autores: Ana Lúcia Pessotto <sup>1</sup>, Isabella Coutinho Costa <sup>1,2</sup>

Instituição: <sup>1</sup> UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro, <sup>2</sup> UERR - Universidade Estadual de Roraima

**Resumo:** Nosso objetivo é apresentar uma descrição inicial do sistema de modais na língua Ye'kwana e debater alguns pontos da descrição de Cáceres (2011). O Ye'kwana é uma língua da família Karib falada no extremo noroeste de Roraima e na Venezuela. A descrição de Cáceres (2011) identifica os sufixos -jhai e -tai como relacionadas ao que entendemos por modais na perspectiva formal (Kratzer, 2012). Nossa referência foi a análise dos modais do PB 'deve' e 'tem que' em Pessotto (2015) para realizar um trabalho de elicitación controlada sobre sentenças do Ye'kwana. Os experimentos em Pessotto (2015) mostram que 'deve' é preferido em contextos em que se realiza inferência a partir de evidências, enquanto 'tem que' é preferido em contextos de raiz (deônticos, teleológicos, buléticos, etc). Além disso, 'tem que' expressa que a sentença prejacente é o único resultado possível dado o contexto, enquanto 'deve' expressa que a sentença prejacente é o melhor resultado dado o contexto. Seguindo essas diretrizes, procedemos a uma elicitación baseada em contexto e a um teste de julgamento de felicidade (Matthewson 2004) com dois falantes de Ye'kwana. Os resultados mostram que o sufixo -jhai, considerado como um habilitativo por Cáceres (2011), aparece em contextos de inferência "incerta" a partir de evidências, e é parafraseado por itens como "talvez" (01). Já para sentenças em que a inferência é "certa", ou seja, em que não se entretém outra possibilidade, observamos a recorrência do sufixo -tai que é considerado por Cáceres como um futuro improvável (02). 1. Audwajä aka Maria tä-jhai na / roça POS Maria ir-ABIL 3.COP/ 'Maria deve ir pra roça' 2. Audwajä aka Maria tä-tai / roça POS Maria ir-FUT.IRR / 'Maria vai pra roça'

**Palavras-chave:** modalidade, semântica, ye'kwana

## O sistema nominal no Português Brasileiro e no Cabo Verdeano.

Autores: Roberta Pires de Oliveira <sup>1,2</sup>

Instituição: <sup>1</sup> UFPR - Universidade Federal do Paraná, <sup>2</sup> CNPq – CNPq

**Resumo:** A hipótese central dessa apresentação desenvolve a proposta de Pires de Oliveira & de Swart (2015) de que no português brasileiro coloquial (PB) o número é marcado no determinante. O nome denota a espécie. Na primeira seção, apresentamos formalmente essa proposta. Defendemos que o PB seleciona a espécie como em Mandarim - de acordo com Chierchia (2015), Mandarim seleciona a espécie no léxico -, mas não é uma língua de classificador. Mostramos que o PB é uma língua que marca número. Segundo essa proposta, em 'muito-s menino', o plural impõe restrições no domínio do operador; o nome 'menino' denota a espécie e é transformado em predicado por estar no escopo de um operador. Argumentamos que essa operação é de realização  $\lambda x \lambda x [x R xk]$ , que difere do operador up proposto por Chierchia (1998, 2010). O operador up retorna uma soma atômica, ao passo que a realização retorna realizações que podem ou não ser atômicas. Mostramos que esse quadro explica porque 'muito N' permite tanto leitura de cardinalidade quanto leituras que exploram outras dimensões, como o peso ou o volume; enquanto que 'muito-s N' só pode ter leitura cardinal. Mostramos, ainda, que essa proposta permite explicar o inglês e o PB sem ter que assumir, como faz Rothstein (no prelo), que no PB todos os nomes contáveis têm uma contraparte massiva. A segunda seção mostra que o Cabo Verdeano é uma língua como o PB, com a diferença de que os artigos são opcionais e marcados; o mais natural é o Nome Nu. Isso nos permitirá afirmar que o Cabo Verdeano é uma língua neutra para número. A conclusão é uma discussão crítica dos parâmetros semânticos em Chierchia (2010)

**Palavras-chave:** semântica, nominais, singular Nu

## Os traços semânticos e a produtividade morfológica do prefixo des- no português brasileiro

Autores: Pablo Nunes Ribeiro <sup>1</sup>, Camila de Bona <sup>2</sup>

Instituição: <sup>1</sup> UFSM - Universidade Federal de Santa Maria, <sup>2</sup> UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

**Resumo:** O estatuto semântico do prefixo des- em verbos, adjetivos e substantivos no português tem sido um tópico bastante discutido na literatura recente (cf. SILVA; MIOTO, 2009; BASSANI; MEDEIROS; SCHER, 2009; MEDEIROS, 2010; 2012; BONA, 2014, RIBEIRO, 2014; entre outros). Um dos objetivos desses estudos é entender mais claramente a contribuição semântica desse prefixo, associado na tradição gramatical a diferentes sentidos, como o de negação, privação, ação contrária, separação, etc. Em trabalho recente, Bona (2014) mostrou que, de um total de 1497 vocábulos derivados com esse afixo listados no Dicionário de Usos do Português do Brasil, de Francisco S. Borba (2002), 538 itens lexicais prefixados com des- eram adjetivos (desleal, descolado), 488 eram substantivos (desarmonia, desorganização) e 471 eram verbos (descrever, desobedecer), sendo que 86% destes substantivos eram deverbiais, assim como 81,2% dos adjetivos. Neste trabalho, objetiva-se retomar esses dados para verificar a hipótese de que o prefixo des- tenha passado a denotar apenas a reversão de uma trajetória de mudança (aplicando-se produtivamente a verbos de mudança ou nomes deverbiais), não mais se configurando como um prefixo de negação de estado. Para fins de análise, como referencial teórico, elegemos o modelo de Lieber (2004), o qual apresenta um conjunto de traços semânticos para a descrição de afixos, tais como [-Loc], para negações, e [+IELTS], para trajetórias. Concomitante a isso, uma pesquisa diacrônica sobre a datação de entrada desses itens lexicais no português está em andamento, além de um teste experimental para avaliar a produtividade, no PB atual, do prefixo des- com verbos, adjetivos e substantivos. Nossos primeiros resultados sugerem a plausibilidade da hipótese de que um prefixo homônimo des-2, com semântica de negação de estado, já foi produtivo em algum estágio da língua, mas deixou de ser, apesar de ainda se fazer transparente.

**Palavras-chave:** prefixo des-, semântica lexical, produtividade morfológica

## Semântica formal e mudança de significado: o caso dos intensificadores

Autores: Luisandro Mendes De Souza <sup>1</sup>

Instituição: <sup>1</sup> UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

**Resumo:** Neste trabalho discutiremos alguns aspectos sincrônicos e diacrônicos da semântica das expressões de intensificação pra caramba, pra caralho, pra cacete, pra burro, pra chuchu, pra cachorro e pra dedéu. Nos dicionários elas são definidas como expressando intensidade ou quantidade, pois todas exercem função típica de intensificador (cf. GUIMARÃES, 2007), modificando o grau de predicados graduais adjetivais e adverbiais (chato pra burro), de predicados de eventos com alguma estrutura interna (comeu pra burro), e também operam sobre a quantidade quando modificando substantivos (gente pra burro). Partindo da proposta de Eckardt (2012; e outros trabalhos) argumentaremos que estamos diante de um caso de reanálise semântica. Embora a pesquisa no Corpus Davies (corpusdoportugues.org) não seja conclusiva (no plano diacrônico), vemos que há uma sistematicidade na formação dessas expressões (no plano sincrônico). Saito (2013) chama as construções de 'hiperbólicas', e supõe que tenham derivado do sentido de finalidade da preposição (tem tanta comida que até sobrou pro burro → tem comida pra burro). Contra isso, mostraremos que não é toda expressão que possui um significado literal. Assim, argumentaremos que a preposição mantém seu significado de introduzir um complemento que designa um lugar, mas no caso das expressões em estudo esse lugar é um lugar em uma escala de intensidade/quantidade, o que pode disparar a reanálise da expressão como um intensificador, uma expressão relacional por natureza, que relaciona o grau padrão (dado pelo contexto) com o grau que o indivíduo exibe da propriedade.

**Palavras-chave:** Semântica, Mudança semântica, Gradação

## Switch reference em Maxakali

Autores: Sílvia Siqueira Pereira <sup>1</sup>

Instituição: <sup>1</sup> UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

**Resumo:** O objetivo desta pesquisa é descrever e explicar o fenômeno Switch Reference (SR), uma estratégia que ocorre entre orações combinadas de determinadas línguas, marcas morfológicas sinalizam se o sujeito de uma oração é correferente do sujeito da outra oração combinada (Jacobsen, 1967). O

marcador SR indica se os sujeitos das orações combinadas são os mesmos (MS) ou diferentes (SD). McKenzie (2012) propõe que SR pode ser Canônico e Não Canônico. SR Canônico indica correferência ou não entre o sujeito da oração principal e o sujeito da subordinada. SR Não Canônico indica correferência (coesão) ou disjunção entre as Situações Tópicas (ST) das sentenças coordenadas. Conforme Kratzer (2007), situação é uma parte de um mundo possível, não atuando somente para interpretar sentenças, mas está presente na estrutura da sentença e seu significado contribui para a composição da sentença. Este estudo tem como hipótese que o Maxakali apresenta SR Canônico e SR Não Canônico. Dados da língua1 demonstram que SR rastreia sujeitos em coordenadas e em subordinadas, entretanto a mudança da Situação Tópica é sinalizada pelo morfema ta, tanto em coordenadas quanto em subordinadas. Em (1) Hita putpu mōg ha ta Yoām xupep (Rita quis ir embora e João chegou), o morfema ha sinaliza sujeitos diferentes nas orações coordenadas. O morfema ta sinaliza mudança da Situação Tópica, ruptura de cena. Em (2) Yoye ap-mōg ah Nanain tu tu ta mōg Xokotōn tu (João não foi para Ladinha e foi para Teófilo Otoni), o morfema tu sinaliza mesmo sujeito nas orações coordenadas. O morfema ta sinaliza mudança da Situação Tópica, mudança espacial. 1-Dados colhidos em nossa última viagem de campo realizada entre os dias 08 e 21 de agosto de 2016, na Aldeia verde, no município de Ladainha, em MG.

**Palavras-chave:** Maxakali, Switch Reference, Situação Tópica

## Temporal interpretations in past-non.past vs. future non.future languages - simultaneous readings

Autores: Ana Muller <sup>1</sup>, Brenda Laca <sup>3</sup>

Instituição: <sup>1</sup> USP - Universidade de São Paulo, <sup>3</sup> Paris-8 - Université Paris 8

**Resumo:** This talk focusses on the availability of SIMultaneous episodic interpretations for both NON-PAST and NON-FUTURE tenses. Our goals are: (i) to determine whether the effects of Aktionsart/aspect-driven temporal orientation in FUT/NON-FUT tense systems mirror those in PAST/NON-PAST systems in the expression of simultaneity to Utterance Time (UT); (ii) to explore the importance of aspect marking for cross-linguistic differences in interpretation patterns. Natural language tense systems are organized around two basic distinctions: PAST/NON-PAST and FUTURE/NON-FUTURE (Comrie 1985). In PAST/NON-PAST languages, the temporal orientation of the NON-PAST (the "PRESENT") is determined by an interplay between the Aktionsart of the predicate and the aspectual system of the language. Smith 2008 posits the Bounded Event Constraint (BEC), based on the assumption that UT is a point in time, not an interval. According to BEC, in the absence of imperfective aspect, telic predicates may not be located at UT because the EVENTUALITY-TIME is an interval, and an interval cannot be located at a point in time. In Karitiana, a Tupi language with a FUT/NON-FUT system, however, the Aktionsart of the predicate seems to play no role in the array of interpretations available for the NON-FUT, which may always be interpreted as SIM, HABITUAL or PAST. We conclude that Karitiana's indifference to the telicity divide is an indication that its NON-FUT allows imperfective (progressive) readings for all event-predicates. This contrasts with NON-PAST languages such as English and French, which indicates that the NON-PAST tense is associated with perfective aspect in such languages. Interestingly, Karitiana possesses an overt imperfective marker 'tyka', which yields SIM-ONLY readings when inflected for NON-FUT tense (Carvalho 2010). Thus, overt aspectual marking reduces the possibilities of temporal orientation for the "PRESENT". This is well-known for the so-called tenseless languages such as Mandarin, and has parallels in some PAST/NON-PAST languages (such as Spanish and French).

**Palavras-chave:** sistemas temporais, tempo, aspecto, aktionsart, tempo presente

## Um estudo sobre a expressão da modalidade pelo sufixo –vel no PB

Autores: Ana Paula Quadros Gomes <sup>1</sup>, Jaqueline dos Santos Peixoto <sup>1</sup>

Instituição: <sup>1</sup> UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

**Resumo:** Investigamos o sufixo –vel no português do Brasil. Estudos morfológicos descrevem-no como um morfema que forma adjetivos a partir de verbos transitivos. Tais formações seriam parafraseadas como 'que pode ser X-do' (ROSA, 2000), com o adjetivo deverbal transformado em participio. Percebendo que essa parafrase nem sempre é aplicável, Oliveira & Ngoy (2007) assim analisam a modalidade (cf. KRATZER 1981) do sufixo –vel : a base modal é circunstancial, a fonte de ordenação é a deôntica ou a da normalidade e, quando a base verbal é transitiva, a modalidade expressa é a da possibilidade. Elas sugerem que a que a acionalidade dos verbos interfira no licenciamento do sufixo. Aproveitando essa sugestão, procedemos ao levantamento dos adjetivos em –vel do Aurélio eletrônico, classificando os verbos de base conforme sua

akitionsarten, com o objetivo de verificar se há correlação entre a classe acional e a modalidade expressa. Consideramos duas hipóteses concorrentes sobre as modalidades de –vel, ambas construídas na interface semântica-morfologia: (i) segundo Oliveira & Ngoy (2007), –vel expressa pelo menos três modalidades distintas: propriedade inerente, obrigação e possibilidade; (ii) segundo Moreira (2015), há duas modalidades: a de possibilidade ('quebrável' = algo passível de quebrar) e a da subjetividade (cf. BRENNAN 1993) ('amável' = é possível amar X). Moreira (2015) se baseia na Morfologia Distribuída, defendendo que o sufixo promove uma passivização (BRUENING 2014) e associando cada leitura modal a certa estrutura sintática. A outra proposta associa a multiplicidade de modalidades à dependência contextual e à estrutura argumental dos verbos. Investigando a relação entre o tipo de modalidade a classe acional do verbo de base do adjetivo em –vel, teremos pistas sobre qual das duas análises dá conta melhor da descrição e previsão das modalidades que podem ser expressas por esse morfema. Resultados preliminares apontam ser difícil limitarmo-nos a dois tipos de modalidade.

**Palavras-chave:** modalidade, semântica, morfologia

## Um problema para a interpretação formal dos sintagmas preposicionados

Autores: Luiz Arthur Pagani <sup>1</sup>

Instituição: <sup>1</sup> UFPR - Universidade Federal do Paraná

**Resumo:** A distribuição sintática dos SP apresenta uma grande diversidade que afeta a determinação da sua interpretação. Como os SN, que podem atuar como argumento (de verbos e preposições), mas também podem ser funcionais (quando quantificados), os SP também podem operar argumentalmente (como complemento nominal ou verbal) ou funcionalmente (como adjunto adverbial, adnominal ou adsentencial). Mas, ao contrário dos SN, a integração das interpretações dos SP oferece dificuldades. A interpretação tradicional dos SN era como referidor de entidade (um SN referencial denota um indivíduo: e); no entanto, com o conceito de quantificador, os SN também podiam denotar um percurso de valores (um SN quantificado denota qual parte do domínio satisfaz uma predicação:  $\langle, t \rangle$ ). Só mais recentemente é que se unificou a interpretação dos SN: se um SN quantificado como "todo menino" denota  $\lambda P. \forall x. (Mx \wedge Px)$ , também podemos dizer que um SN referencial como "Pedro" denota  $\lambda P. Pp$  (ou seja, também é um  $\langle, t \rangle$ ). O objetivo desta apresentação é o de demonstrar a dificuldade de se integrar as várias interpretações que os SP precisam assumir nos seus ambientes sintáticos: como adjunto adsentencial, ele precisa ser de tipo ; como adjunto adverbial, seu tipo é  $\langle, \rangle$ ; como adjunto adnominal, o tipo do SP tem que ser  $\langle \langle, t \rangle, \langle, t \rangle \rangle$ . Até aí, tudo bem, porque são todos tipos booleanos (para os quais podemos procurar operações de promoção); mas o problema fica mais complexo quando os SP são complementos. Em posição de complemento nominal, qual deve ser o tipo do SP? Se o tipo dos nomes comuns que não exigem argumento é , qual deve ser o tipo dos nomes comuns que exigem argumento? Disso depende a determinação do tipo deste SP. Como complemento verbal (objeto indireto), vale a mesma pergunta: qual é o tipo deste SP, já que o verbo tem que tomar um argumento deste tipo para resultar num predicado de um lugar?

**Palavras-chave:** teoria de tipos, sintagma preposicionado, interpretação formal, complemento, adjunto

## Uma análise formal para o sistema numeral Karitiana

Autores: Juliana Vignado Nascimento <sup>1</sup>

Instituição: <sup>1</sup> USP - Universidade de São Paulo

**Resumo:** O Karitiana é uma língua indígena brasileira da família Tupi e subfamília Arikém que não apresenta material funcional no sintagma nominal (Muller et al, 2006). O objetivo deste trabalho é apresentar uma formalização semântica dos numerais da língua a partir da teoria da semântica de eventos de Parsons (1990) e mostrar que a estratégia de empacotamento (Hurford 1987; 2006) aplica-se na formação dos numerais compostos. A reconstrução do sistema numeral foi feita a partir da comparação de listas de outros pesquisadores, Landim (2005), Muller et al (2006), e de dados coletados com falantes nativos em dezembro de 2014 e outubro de 2015 via elicitación controlada. Esta análise defende que o numeral Karitiana é um quantificador sobre eventualidades que respeita as mesmas restrições sintáticas que os demais elementos adverbiais na língua e apresenta uma cardinalidade variável inerente aos numerais. Chomsky (1998) especula que a faculdade numérica desenvolveu-se como um subproduto da faculdade da linguagem. Nesse sentido, Hurford (1987) afirma que a estratégia de empacotamento é uma restrição universal que atua nos sistemas numéricos de línguas naturais. Essa estratégia consiste em um mecanismo linguístico recursivo que constroi "pacotes" a partir das maiores unidades numerais básicas e selecionando a estrutura disponível mais eficaz para expressar quantidades maiores. Para o autor, as

operações sintáticas que formam compostos numéricos expressam operações matemáticas tais como multiplicação e adição, necessárias para a formação recursiva de números. Verificou-se que a estratégia de empacotamento opera sobre numerais Karitiana, o que reforça a universalidade deste mecanismo nas línguas naturais e contribui para o avanço da linguística gerativa. Estudar numerais de línguas não indo-europeias sob uma perspectiva formal e gerativa é potencialmente esclarecedor e pode avançar a compreensão do desenvolvimento da cognição humana.

**Palavras-chave:** Numeral, Língua indígena, Semântica formal

## Uma descrição inicial do presente perfeito em LIBRAS

Autores: Rossana Finau <sup>1</sup>, Roberlei Alves Bertucci <sup>1</sup>

Instituição: <sup>1</sup> UTFPR - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

**Resumo:** O presente trabalho tem como objetivo descrever de que forma a língua brasileira de sinais (Libras) expressa a noção semântica aspectual do presente perfeito. Diferentemente do que ocorre em línguas como o inglês e o espanhol (Schmitt 2000; Molsing 2007; Laca 2010, entre outros autores), os dados parecem revelar que, em Libras, não há uma estrutura sintática com auxiliaridade verbal que contribua para tal expressão. Nossa proposta, nesse sentido, é partir da análise de Mittwoch (2008) e de Laca (2010) a fim de defender que a semântica do presente perfeito leva em conta fatores como a classe aspectual (Aktionsarten) e o papel de adjuntos adverbiais, o que influencia decisivamente no modo de expressão desse tipo de aspecto em Libras. De outro lado, com o intuito de retomar questões relevantes sobre a relação que se pode estabelecer entre línguas naturais, propomos uma análise sobre as versões que um tradutor automático propõe para algumas sentenças em português brasileiro e em Libras. Essa análise pretende ser complementar ao modo como os próprios falantes da língua entendem e expressam esse aspecto em outro idioma, fato discutido, por exemplo, em Finger et al. (2008). Por tudo isso, nosso trabalho pretende colaborar para a descrição dessa língua ainda pouco estudada, especialmente com relação a suas formas de expressão de tempo e aspecto verbais.

**Palavras-chave:** Aspecto verbal, Tempo verbal, Presente Perfeito, Libras, Tradução automática

## Uma explicação semântica para a distribuição do advérbio baixo 'muito'

Autores: Ana Paula Quadros Gomes <sup>1</sup>

Instituição: <sup>1</sup> UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

**Resumo:** A posição desse advérbio baixo (CINQUE 1999) é desinteressante: 'muito' fica fixo à direita do verbo. Já a sua distribuição é intrigante. Há boas e más sentenças com inergativos (\*'Maria apareceu muito em casa domingo') e inacusativos ('A bomba explodiu muito ontem'). 'Muito' não ocorre com verbos transitivos "once only" (\*'Caymmi compôs muito Marina') nem com argumentos internos quantificados (\*'Lia comeu muito os três pães no lanche' X 'Lia comeu muito pão no lanche'), a não ser em leitura de atividade ('Bruna limpa muito sua casa'). Também não modifica achievements (\*'Vitor terminou muito a tese'). Alguns verbos psicológicos são licenciados, outros não ('João ama muito Maria', ??'João acalmou muito Maria com um chá daquela vez'). Padrões morfológicos ou sintáticos não dão conta do licenciamento de 'muito' modificador de VP /intensificador. A estrutura argumental (número de argumentos) não regula esse licenciamento. Só um tratamento semântico pode explicar os fatos. Doetjes (2008) trata 'muito' como uma expressão de grau do tipo C, que não faz seleção categorial. Mostraremos que 'muito' modificador de VP está selecionando semanticamente expressões graduáveis. Bach (1986) associa uma estrutura ao domínio dos eventos que faz de alguns deles graduáveis (paralelamente a sintagmas nominais massivos e plurais), e, de outros, não-graduáveis (paralelamente a sintagmas nominais singulares). A distribuição de 'muito' advérbio de VP com os diversos dados de transitivos e intransitivos só é explicada se assumirmos que 'muito' é licenciado por expressões de grau, ou seja, por propriedades graduáveis dos verbos intransitivos ou por relações graduáveis entre o verbo e seu argumento interno. Abstrairemos as interpretações frequentativas/iterativas, tratando esse 'muito' como um advérbio de completude, visto que não pode coocorrer com advérbios de completude 'suficientemente', 'totalmente', 'parcialmente'(\*'Pedro pintou muito a parede completamente') mas pode coocorrer com os de frequência ('José frequentemente visita muito os pais').

**Palavras-chave:** Modificação de VP, Semântica Formal, 'muito', semântica de graus

Caderno de resumos do X Congresso Internacional da ABRALIN – Pesquisa linguística e compromisso político. / Organizadores: Anabel Medeiros de Azerêdo; Beatriz dos Santos Feres; Patrícia Ferreira Neves Ribeiro; Roberta Viegas Noronha; Silmara Dela Silva. Niterói: UFF, 2017.  
Disponível em: <<http://abralin.org/congresso2017/programacao-1?prog=simposios>>.